A GEOGRAFIA, O GEOGRÁFICO E A LINGUAGEM

GEOGRAPHY, GEOGRAPHIC AND LANGUAGE

GÉOGRAPHIE, GÉOGRAPHIQUE ET LA LANGUE[1]

FELIPE MOURA FERNANDES[2]

Resumo: Este ensaio pretende expor três reflexões sobre elementos de naturezas distintas: a geografia (ciência), o geográfico (como algo que adjetiva a ciência) e a linguagem (em uma perspectiva ontológica). O terceiro elemento desponta como unificador das outras duas discussões, visto que a linguagem está presente em todas as formas de discurso, seja ele científico ou não. Este trabalho apresenta uma tentativa de sistematização teórica para o desenvolvimento de pesquisas em história do pensamento geográfico brasileiro. Será por meio desses balizamentos teóricos que construiremos a nossa proposta de diálogo da geografia com a literatura ou da arte com a ciência.

Palavras-chaves: geografia, geográfico, literatura, linguagem, ontologia.

Abstract: This essay intends to present three reflections on elements of different natures: geography (science), geographical (as something that adjectival science) and language (in an ontological perspective). The third element emerges as unifying the two other discussions, since the language is present in all forms of discourse it is scientific or not.The paper presents a systematization theoretical attempt to develop research in the history of Brazilian geographical thought. It is through these theoretical guideposts to build our proposed dialogue geography to literature or art with science.

Keywords: geography, geographic, literature, language, ontology.

Résumé: Cet essai se propose de présenter trois réflexions sur des éléments de différentes natures: géographie (science), géographique (comme une chose que la science adjectivale) et la langue (dans une perspective ontologique). Le troisième élément émerge comme l'unification des deux autres discussions, puisque la langue est présente dans toutes les formes de discours, il est scientifique ou non.

1 Uma primeira versão deste texto foi feita para a disciplina Ontologia e Epistemologia em Geografia, ministrada pelo professor Dr. Élvio Rodrigues Martins (orientador). A segunda versão, aqui apresentada para publicação, contou com a fundamental colaboração do Prof. Msc. Astrogildo Luiz de França Filho (SEEDUC-RJ).

2 Doutorando em geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo. / Seção local Niterói. Instituto Superior Anísio Teixeira (ISAT). E-mail: geomoura2004@yahoo.com.br

Terra-Livre-39.indd 149 22/07/2014 17:55:45

Le document présente une tentative théorique systématique de développer la recherche dans l'histoire de la pensée géographique brésilien. C'est grâce à ces jalons théoriques pour construire notre dialogue géographie proposé à la littérature ou de l'art à la science.

Mots-clés: géographie, géographique, littérature, langue, ontologie.

Tempo lento,
espaço rápido,
quanto mais penso,
menos capto.
Se não pego isso
que me passa no íntimo,
importa muito?
Rapto o ritmo.
Espaçotempo ávido,
lento espaçodentro,
quando me aproximo,
apenas o mínimo
em matéria de máximo
Paulo Lemisnki

INTRODUÇÃO

Um debate que não abandona geógrafos e não-geógrafos consiste na resposta à questão: "o que é geografia?". Mas, afinal de contas, o que permite afirmar que esta questão é mais central, hoje, que em outros momentos da história da geografia? – O fato de estarmos vivendo este momento (início do século XXI) com esta questão em riste, ou por identificarmos uma relação direta entre esta pergunta e a orientação política dos geógrafos que a exercem? Sobre esta problemática, poderemos desenvolver alguns argumentos

Entendemos que existem duas possibilidades metodológicas para abordarmos esta questão.[3] Uma delas consiste na construção de uma narrativa que

3 Sobre essa discussão metodológica, ver Compagnon (1999, pp. 27-45). Questionar a natureza de um campo científico – "o que é?" – já aproxima nossa discussão de um conteúdo ontológico, ainda que não seja o debate sobre a ontologia propriamente dita.

Terra-Livre-39.indd 150 22/07/2014 17:55:45

perfaça os diferentes momentos da história da disciplina, levando ou não em consideração os períodos de suas diferentes institucionalizações nas sociedades geográficas, nos institutos históricos e geográficos e nas universidades. Após a construção da narrativa – que (em si) já revela a tendência do autor –, as respostas podem ser colocadas explícita ou implicitamente. É evidente que o fato de estas tendências não estarem explícitas não significa que não existam, na medida em que revelam as escolhas na forma de ligar os fatos e construir a narrativa.[4]

A segunda possibilidade envolve a ênfase aos diferentes discursos, teorias, conceitos e categorias desenvolvidos ao longo de um determinado período da história desse campo, ou seja, possui uma natureza menos histórica e mais epistemológica: é uma reflexão da geografia sobre si mesma. Nesta proposta, a necessidade de criar um discurso narrativo lógico que ligue determinados fatos, em relação à discussão de determinados temas e conceitos, fica em segundo plano.[5] Acrescentaríamos que, em diferentes níveis, sempre há uma sobreposição entre o epistemológico e o narrativo, apesar de alguns trabalhos serem mais narrativos que epistemológicos e vice-versa. Ao criarmos uma narrativa sobre a história da geografia, não conseguimos deixar em casa nossa predileção por determinados conceitos, categorias, valores, posicionamentos ideológicos, histórias de vida que nos constituem como *seres*. De igual forma, quando fazemos a análise e a avaliação de determinados conceitos e categorias (espaço, território, lugar, paisagem, região etc.), não deixamos de lado a história da geografia.

Pensar o que a geografia é significa pensar o que é *ser geógrafo*. E ser geógrafo nunca se resume ao que os geógrafos fazem da geografia. Por que o ser não se resume na ação, e, sim, se revela na relação desta com a *intenção*. Por isso, aqui buscamos relacionar o histórico com o epistêmico, muito longe de ser avistado: "apenas o mínimo em matéria de máximo".[6]

A GEOGRAFIA

A partir da década de 1960, observamos uma mudança de mentalidade no mundo ocidental,[7] simbolizada, entre outros aspectos, pelos movimentos de

4 Essa opção parece estar contemplada em Souza Neto (2012).

5 Essa parece ser a proposta de Moreira: 2008.

6 Título da poesia de Paulo Leminski (2013, p.1 83), vista na epígrafe.

7 Falar em mudança de "mentalidade" a partir de um determinado período histórico, de imediato, significa assumir a relativização desta mudança, visto que ela toma diferentes tons em diferentes lugares e

Terra-Livre-39.indd 151 22/07/2014 17:55:45

contracultura do final dos anos 1960 e início dos 70, o que significou o estabelecimento de novas formas de ver o mundo e de relações entre os homens. Ou seja, estas novas formas de ver o mundo vinham articuladas à busca de novas formas de viver. Ver e viver o mundo novo, portanto, propiciavam novas expressões do feminino e de sua libertação do patriarcalismo milenar, por exemplo.[8]

Se os homens colocam uma insatisfação com relação ao mundo e aos valores vigentes, as ciências sociais, já bem estabelecidas na segunda metade do século XX, não ficam indiferentes a essas mudanças no âmbito da forma e do conteúdo da realidade. Assim, a geografia, sobretudo nas décadas de 1960 e 1970, realizou uma grande modificação no seu conteúdo e na sua forma de desenvolver pesquisas a partir dos questionamentos dos modelos quantitativos e da geografia clássica, o que permitiu o diálogo com as ciências sociais e a filosofia em geral,[9] dada a necessidade de se pensar uma geografia adequada às novas realidades. Em outras palavras, a geografia precisava criar uma forma de entendimento crítico da realidade, comprometida com a sociedade que se tinha e com a que se desejava ter.

Como exemplo deste movimento no contexto brasileiro, destacamos o livro *O que é geografia?* (Moreira: 1994), tentando responder a questão que o título propõe, sem ignorar o caráter didático da coleção e a complexidade que a pergunta traz em si mesma. A geração de geógrafos que se estabeleceu nos anos 1980 procurou dar uma resposta a tal pergunta, sendo que esta resposta não foi uníssona. De fato, a renovação da geografia não se deu hegemonicamente por meio do diálogo com o marxismo: o movimento de renovação era plural e apresentava as tensões internas do campo.[10] Ainda é de destaque o livro *Pequena história crítica* (Moraes: 2009), que, como o anterior, também possuía um caráter didático, com uma síntese da história da geografia em seu contexto geral, sem

tempos (regiões). De fato, sabemos que o mundo se "ocidentalizou", com a expansão e a consolidação das relações capitalistas. No entanto, para serem aceitas, estas relações precisavam fazer algumas concessões e manter algumas tradições, mesmo que de forma fetichizada. Sobre mentalidades, ver Ariès (2005).

8 Do ponto de vista filosófico, podemos afirmar que é a partir desse momento que se ampliaram algumas tendências no campo da arte, da filosofia e das ciências sociais.

9 A mudança e a abertura da geografia às ciências sociais e à filosofia estão propostas e explicitadas em Santos (2002). Há duas interessantes análises desse período, encontradas em Moreira (2000) e Silva (1983/84).

10 Ver entrevista com Mílton Santos (2004). Uma das perguntas feitas, nesta entrevista, foi: "como definir geografia hoje?". Em nossa interpretação, a resposta traria o seguinte aprendizado: mais importante que estabelecer a resposta, é manter a pergunta. A definição de geografia de Mílton Santos contrapôs-se às definições anteriores, por ter como chão o tempo presente.

Terra-Livre-39.indd 152 22/07/2014 17:55:45

apontar grandes especificidades da história da geografia no Brasil.[11] Em nossa avaliação, entendemos que, para responder a "o que é geografia", é necessário pensar as possibilidades epistemológicas de realização desta ciência em diálogo permanente com a história da disciplina, com suas obras clássicas, com a filosofia e com as outras ciências sociais.

Especificamente no contexto brasileiro, a bibliografia tradicional, hoje reconhecida como clássica, vem ganhando um novo *status* no cenário da geografia. Mas o que ocasionou esta inflexão historiográfica que transformou a tradição em clássico? Alguns geógrafos contemporâneos, e entre eles incluímos Moreira (2008) e Martins (2007; 2009), perceberam a necessidade de retornar aos clássicos para redimensionar-se a definição do nosso campo no tempo presente. Pensar os caminhos que a geografia percorreu, na visão de diferentes autores, antes e após sua institucionalização, parece uma tarefa premente que traz como origem a necessidade de respondermos a uma definição de geografia.

No cenário recente da pós-graduação no Brasil, observamos uma ampliação precária do acesso à universidade, pontuada pelas necessidades do mercado globalizado, e a produtividade virou critério de avaliação dos professores e pesquisadores universitários. A associação entre a necessidade do mercado e a produtividade deixa pouco espaço para nos questionarmos sobre os fundamentos da nossa disciplina. Nesse sentido, cabe muito bem a confortável resposta: a geografia é o que os geógrafos fazem dela, ou seja, não há articulação do que fazemos particularmente com uma perspectiva de totalidade da disciplina.[12]

Assim, tiramos a essência da definição de geografia, e, com isso, despolitizamos nosso discurso que não consegue despertar interesse nos homens: operários, camponeses, agricultores, alunos do ensino fundamental e médio, entre outros. O discurso extremamente especializado interessa somente aos especialistas da geografia agrária, da geomorfologia, da pedologia etc. Não nos preocupamos em tencionar o discurso especializado com as fronteiras do campo, com nossas acomodadas definições do campo: a geografia é a ciência que

11 Tais publicações ainda parecem ser tentativas de sistematização didática da geografia e de sua história entre nós, sendo que o livro de Moreira foi reeditado recentemente com alterações de conteúdo, enquanto o de Moraes também foi reeditado com um prefácio e texto adicional. O livro de Ruy Moreira foi editado e publicado pela editora Brasiliense, fundada por Caio Prado Júnior. Este intelectual foi um dos fundadores da Associação dos Geógrafos Brasileiros, em 1934. Para mais detalhes sobre a relação de Caio Prado com a AGB, consultar Lummati, Seabra e Heidemann (2008).

12 Nas palavras de Martins (2007, p. 31), "o tempo todo, a questão aqui é a relação. Relação entre os homens, relação dos homens em sociedade com a natureza e relação entre lugares. Ou seja, o que aqui está em questão é o Todo e sua natureza, ou seja, a totalidade. Velha preocupação da geografia, hoje tanto enfraquecida."

Terra-Livre-39.indd 153 22/07/2014 17:55:45

estuda o espaço, mas que espaço? Como o espaço geográfico difere do espaço da física e da arquitetura? Qual a diferença entre cidade e geografia urbana?[13]

O GEOGRÁFICO

O que é o geográfico frente à geografia? Esta distinção se sustenta? Pensamos que sim. Para explicar por que, vamos lançar alguns exemplos que nos fornecem uma diferenciação entre os pensamentos e suas possíveis institucionalizações.

Darwin estudou teologia e medicina, ganhou renome internacional como geólogo e naturalista, e, apesar de não ser biólogo de formação, foi um pensador seminal para o surgimento da biologia como ciência. Humboldt foi geógrafo, naturalista, explorador, linguista, e, apesar de não ser geógrafo de formação, foi um pensador importante para o surgimento da geografia como ciência. Sausurre estudou química e física, mas acabou enveredando pelos estudos da linguagem, e é, hoje, uma das principais figuras responsáveis pelo surgimento da linguística como um campo da ciência. Ou seja, os principais responsáveis pelo surgimento dessas ciências sociais como campos específicos do conhecimento não eram especialistas nestes campos. Há o biológico, antes do surgimento da biologia como ciência. Há o geográfico, antes do surgimento da geografia como ciência. E, de igual forma, os linguistas não inventaram a linguística, mas a instituíram como um campo da ciência.

Então, o geográfico existe antes e após a geografia como ciência. Não sendo exclusividade da ciência geográfica, existe desde o momento em que o homem é fundado como um *ser social*[14] e cultural, e é um elemento fundante da

13 De acordo com Martins (2007, p. 38), "a ciência geográfica, portanto, são atos de teoria na prática, de práticas teóricas e, no limite, representa até mesmo sua institucionalização. A ciência geográfica, quem a faz e a identifica, em diferentes contextos, são os geógrafos. Mas se a prática identifica a disciplina, o que identifica o fundamento dessa disciplina não está na prática. A prática pode, muitas vezes, se distanciar desse fundamento que consagra a disciplina. E esse fundamento está presente na constituição da realidade, e não necessariamente nas práticas profissionais. É recorrente que no desespero, ou na impotência de identificar o objeto da ciência geográfica, a frase salvadora é revestida de tolerância seja: "a geografia é o que os geógrafos fazem dela". Isso abre para o espaço "vale tudo", e eventualmente se perde com isso o fundamento geográfico que é presente na realidade. Perde-se isso, e o que é pior, perde-se também a importância e o significado do geográfico na constituição da realidade. Não saber identificar esse fundamento geográfico é não saber o que é geografia, ou então, confundir isso com a disciplina e suas práticas e institucionalizações."

14 Para mais detalhes sobre essa discussão, ver Lukács (1978). Este autor desenvolveu a reflexão ontológica tendo como base o pensamento de Marx, e, nesse caminho, a categoria de trabalho assumiu uma centralidade na discussão ontológica.

Terra-Livre-39.indd 154 22/07/2014 17:55:45

existência humana, assim como a temporalidade, ou seja, o homem existe em um onde (lugar) e um quando (tempo).

Ainda poderíamos dizer que há um pensamento geográfico no homem medieval e no homem da Antiguidade clássica. O que não havia era a ciência geográfica organizada e distribuída em sua acepção moderna. Este mesmo raciocínio pode ser utilizado para a história – a história como narrativa é quase tão antiga quanto o homem. No entanto, a razão histórica que organiza e sistematiza a história como discurso científico só foi possível no modernismo. Dessa forma, pensamos que é necessário retomar o debate sobre o *geográfico*, mas sem enclausurá-lo na discussão desgastada sobre o *objeto da geografia*.[15]

Entendemos que pensar uma geografia para além da ciência geográfica – em nosso caso, uma geografia na literatura – pode nos ajudar a redimensionar a ciência geográfica, a aproximar o seu discurso dos homens e a fazer com que a geografia produzida no Brasil não seja apenas um diálogo entre especialistas.[16]

A história do pensamento geográfico brasileiro esteve mais atenta às práticas dos geógrafos no tempo do que nas concepções que direcionavam estas práticas. Nesse caso, talvez esta característica esteja relacionada a dois fatos: primeiro, à extrema institucionalização que a geografia sofreu, a partir da Segunda República (a necessidade da educação primária universal, a criação das universidades e a criação do IBGE posteriormente); segundo, a história da geografia só iria avançar de seu caráter mais ensaístico, na virada dos anos 1980 para 90, quando as pesquisas nessa área se especializaram em termos de pós-graduação,[17] o que

15 De acordo com Martins (2009, p. 22), destacamos que "há outro aspecto sumamente importante neste processo: descontando as arbitrariedades por parte do sujeito em definir o espaço como objeto da geografia, como podemos tomar uma categoria como objeto de uma disciplina? Ou seja, para tomarmos o paralelo com a história mais uma vez, os historiadores não têm no tempo como objeto da ciência da história. Podem eles até discutir as diferentes temporalidades, mas o tempo aí é adjetivo de processos, ou de sucessão de fatos, ou seja, a forma que os historiadores dizem o que é história. E, certamente, a história é muito mais que o tempo. Assim, como a história não pertence e nem se restringe aos historiadores como fundamento da realidade. Idem para a geografia".

16 No documentário intitulado "O abecedário de Deleuze," nas letras C e N, o autor dissertou, respectivamente, sobre cultura e neurologia. Na primeira letra apontada, o filósofo demonstrou metaforicamente como era importante sair do seu campo da filosofia e atingir os diversos campos culturais (ciências, cinema etc), mas sair da filosofia não significava abandonar a filosofia e sim continuar na filosofia: "Quero sair da filosofia pela filosofia". Na segunda letra, o filósofo disse: "Ou seja, não-especialistas lêem filosofia e a leitura não-filosófica da filosofia não carece de nada, possui sua suficiência. É simplesmente uma leitura. Isso talvez não valha para todos os filósofos. Vejo com dificuldade uma leitura não filosófica de Kant, por exemplo. Mas um camponês pode ler Spinoza. Não me parece impossível que um comerciante leia Spinoza". Será que podemos e devemos aproximar este raciocínio da ciência geográfica? Um operário deve poder ler um tratado de geografia humana?

17 Para um panorama desse movimento, ver Moraes (2008, p. 15): "(...) foi com base nessa agenda que organizei uma linha de pesquisa na pós-graduação do DG-USP, onde venho trabalhando ao longo dos anos 90".

Terra-Livre-39.indd 155 22/07/2014 17:55:46

representou um avanço nas pesquisas e uma maior conexão às perspectivas desenvolvidas na história da ciência, de maneira geral.[18]

Nas últimas décadas, as ciências sociais viveram uma crise de suas identidades estabelecidas em termos institucionais. As fronteiras entre as ciências foram extremamente questionadas e convidadas a se abrirem. Esta crise pode assumir características positivas e/ou negativas, dependendo da interpretação e das ações assumidas perante ela. Se aproveitamos esta crise de identidade para despolitizarmos o discurso da ciência, pensamos que ela assumirá um caráter negativo. Outro encaminhamento seria aproveitarmos esta crise e fazermos dela um momento de crítica e diálogo (interno e externo ao campo da geografia). Julgamos a segunda opção mais interessante. Crise e crítica devem andar juntas.

Pensar sobre a geografia é evitar que outros deem a resposta à pergunta que interessa primeiramente a nós, geógrafos (como campo de pesquisa). Não afastamos a possibilidade de contribuições externas ao campo, mas, para haver diálogo, é necessário que não nos furtemos a pensar sobre o nosso cenário. Este fato já ocorreu em nossa história e causou um grande esvaziamento teórico da disciplina, vide os posicionamentos de Lucien Febvre, identificados por Lacoste (1988).

A LINGUAGEM

Se podemos afirmar que o geográfico existe desde o momento em que o homem se realiza como um *ser social* e cultural, esta afirmação não vale para a geografia – ciência universitária, instituída na França e na Alemanha, no segundo quartel do século XIX. Mas a questão que nos conduz, a partir deste momento, é a seguinte: como articular a geografia como ciência com os diversos geográficos que existem fora da ciência geográfica, como a literatura?

Entendemos que arte e ciência possuem naturezas diferentes, e uma das coisas que diferenciam estas modalidades do conhecimento é a linguagem. O discurso da ciência está condicionado a um ritual (afinidades intelectuais, normas de citação, formatação, campo e subcampo de pesquisa etc.), o que acaba por determinar uma forma de dizer as coisas. No que diz respeito à arte, apesar de existirem continuidades dentro de uma tendência, há mais liberdade na construção do discurso, em que as possibilidades de sentir, pensar e expressar

18 Para uma contextualização da história do pensamento geográfico brasileiro com a história da ciência, ver o artigo de Souza-Neto (2001).

Terra-Livre-39.indd 156 22/07/2014 17:55:46

estão diretamente mais conectadas à linguagem. Enfim, a arte possui uma maior liberdade linguística.[19]

PENSAMENTO É LINGUAGEM

Qual o fundamento de um pensamento? O que move o pensamento em uma determinada direção ou posição? O que faz o pensamento pensar de uma determinada forma? Estas são questões ontológicas[20] que possuem uma dimensão epistemológica. Dessa forma, ao pensar o que a geografia é, flertamos com uma dimensão do *ser* que não está dissociada das diferentes manifestações do geográfico na dinâmica do tempo.

Heidegger propôs a superação da metafísica estabelecida a partir dos filósofos socráticos (Platão e Aristóteles), e, para isso, propôs a distinção radical entre *ser* e *ente*.[21] O pensamento filosófico metafísico está extremamente arraigado a uma dimensão das coisas em que pesa o absoluto (como expresso na ideia de Deus). Nesta proposta, a compreensão do ser aponta para algo ininteligível, como em Platão, em que o *ser* do *ente* é a ideia. A relação entre ser e ente se desdobra na constituição do *ser-aí* (*dasein*: termo em alemão utilizado pelo filósofo). O *aí* traz para o ser a dimensão da experiência: o conduz ao *mundo*, à *mundanidade*.

Nesse sentido, Heidegger tentou romper com o dualismo entre objetividade (existência) e subjetividade (essência), tão presente na filosofia ocidental, uma vez que o ser não existe separado do ente: todo ser é ser de um ente ou todo ser é no ente pelo *homem*.[22] O homem seria a categoria genérica, em que se coadunariam ser e ente. Heidegger tentou se afastar do *cogito ergo sum* de René Descartes, em que o pensar era uma condição para existir, alcançada por meio da dúvida metódica. Para isso, em nosso breve entendimento sobre a reflexão heidegeriana, pensar *é* existir.

.....

19 O debate sobre a linguagem é amplo e passa por diversos campos do conhecimento, como a linguística, a filosofia da linguagem, a filosofia e a literatura. Um parâmetro amplo nos é ofertado por Mora (2001, p. 422).

20 Sobre a questão ontológica, ver Blanc (1998, p. 12): "À descoberta fáctica do ser segue-se, neste caso, a interrogação ontológica, que instaura a assunção do ser pelo pensar e, abrindo uma direcionalidade e um horizonte à inquirição, dá início à sua expressa dilucidação".

21 Sobre os termos "ser" e "ente", consultar Blanc (1998, pp. 13-14) e Mora (2001, p. 634), no verbete "ser".

22 Para Heidegger, essência e existência eram termos usados pela metafísica ocidental, que ele desejava romper por meio do resgate da discussão ontológica, numa primeira fase de sua obra. A busca da "verdade do ser" fez parte do segundo momento de sua obra, após a década de 1950.

Terra-Livre-39.indd 157 22/07/2014 17:55:46

A partir disso, entendemos melhor a afirmação de Heidegger, quando afirmou que o homem é um ser *para* a morte. Assumir a morte como uma condição existencial significa desenvolver a consciência e o sentido da finitude da vida. Nesse sentido, também significa assumir a unidade inequívoca entre ser e ente, visto que a extinção do ente implica necessariamente na eliminação do ser – não há nada além da morte. Em outras palavras, se o corpo (ente) for eliminado por meio da morte (experiência última, única e irrevogável do homem), a verdade (ou a verdade *do* ser) também será extinta. Dessa forma, Heidegger reforçou o coro do existencialismo, que já tinha seu conteúdo explícito na literatura de Dostoievsky: "se Deus não existe, tudo é possível". Na realização do *ser* no *ente* e pelo *homem*, tudo se torna possível em busca de uma *vida autêntica* e, ao mesmo tempo, *inautêntica*, visto que autenticidade e inautenticidade possuem uma perspectiva relacional. [23]

Heidegger (1979) afirmou, em sua *Carta sobre o humanismo*, que "a linguagem é a casa do ser". Quais consequências, preliminares, podemos aferir desta afirmação? Parcialmente, diríamos que uma das formas de o ser se realizar no ente por meio do homem é a partir da linguagem. A concepção de linguagem desenvolvida por Heidegger não se limitou a reproduzir a definição dos linguistas e dos filósofos da linguagem, esta caracterizada como algo que diferenciava o homem dos outros animais junto do pensamento (razão).[24] Este grupo de pensadores desenvolveu a ideia de linguagem como algo que comunicava/

23 De acordo com Reynolds (2013, pp. 35-79), Heidegger criou um vocabulário específico para sua filosofia, em que algumas definições possuíam grande importância: ser, ente, ser-aí (*dasein*), à mão, ser com (*mitsein*), impessoal *(Das Man*), decadência, autenticidade, inautênticidade, cuidado, ser-para-a-morte etc. Neste momento, foi inevitável tocar nas ideias de vida autêntica e inautêntica, mas estas unidades de pensamento não parecem centrais para o desenvolvimento de nossa reflexão sobre a linguagem. Apesar disso, Mora (2001, p. 425) destacou a relação da linguagem com a inautenticidade: "Em Heidegger, a linguagem apresenta-se, primeiro, sob a fala (*rede*) como um dos modos em que se manifesta a degradação ou a inautenticidade do *Dasein*. Em face desse modo inautêntico, a autenticidade parece consistir não na fala, nem sequer em alguma linguagem, mas no "silêncio", no "chamado" da consciência. Mas esse modo "existenciário" de considerar a linguagem transformou-se, em Heidegger, num modo propriamente "ontológico", quando a linguagem é vista como o próprio falar do ser. A linguagem como um "poetizar primeiro" é o modo como pode efetuar-se a "irrupção do ser", de tal sorte que a linguagem pode converter-se, então, em 'um modo verbal do ser'".

24 "Mas a linguagem não é apenas linguagem, no sentido em que a concebemos, quando muito, como a unidade de fonema (grafema), melodia e ritmo e significação (sentido). Pensamos fonema e grafema como o corpo da palavra; melodia e ritmo como alma e o que possui significação adequada, como o espírito da linguagem. Pensemos comumente a linguagem a partir da correspondência à essência do homem, na medida em que esta é apresentada como *animal rationale*, isto é, como a unidade entre corpo e espírito. Todavia, assim como na *humanitas* do *homo animalis* a ec-sistência permanece oculta e, através dela, a relação da verdade do ser com o homem historial. De acordo com ela, é a linguagem a casa do ser manifestada e apropriada pelo ser e por ela disposta. Por isso, trata-se de pensar a essência da linguagem a partir da correspondência, o que quer dizer, como habitação da essência do homem" Heidegger (1979, p. 159).

Terra-Livre-39.indd 158 22/07/2014 17:55:46

expressava a dimensão interna do homem (pensamento) com a dimensão externa (meio) por meio do aparelho fonador. Heidegger não concordava com esta definição, porque ela criava uma dualidade entre pensamento e linguagem. Para este filósofo, o pensamento era linguagem. Heidegger, em *A linguagem*,[25] afirmou que "o pensamento fala". Para ele, toda vez que pensamos, falamos, porque a linguagem está presente no pensamento como um dos seus elementos fundantes. *Pensar* não é propriedade única do *homem*, e, sim, atributo da relação entre *ser*, *ente* e *homem*, associados pelo pensamento-linguagem.

Por isso, Heidegger também discordava da definição de homem como animal racional que possuía linguagem. Se o homem era o animal que pensava, o que fazia o homem pensar da forma como pensava? O que pensava o pensamento do homem? O que era o ser do homem? Pensamos que, naquele momento, Heidegger retomava a discussão em termos ontológicos, em que a distinção e a unicidade entre *ser* e *ente* eram essenciais e estavam postas no *ser-aí* (*dasein*). Quando pensamos, realizamos a linguagem e "falamos no completo silêncio". A fala não se limita à expressão (externalização): já está manifestada interiormente na maneira como pensamos ou na forma como realizamos o nosso pensamento – a realização da expressão linguística do pensamento por meio da palavra representa um segundo momento deste processo.

Dito isto, vale notar que Heidegger desenvolveria uma concepção ontológica de linguagem, esta encarada como algo que manifestava a realização do ser no ente. Por isso, para ele, "a linguagem é a casa do ser", que não existe fora do ente. Heidegger afirmou, em sua *Carta sobre o humanismo*, que os poetas e os pensadores eram os mestres da linguagem por levarem a sua realização aos limites extremos, muitas vezes, não se preocupando com as normas linguísticas e a repetição de ideias. Os poetas e pensadores autênticos trabalhavam nos limites da expressão, desejavam transformar o mundo em palavra por meio do pensamento e sua realização por meio da linguagem.

25 Essa posição fica clara em Heidegger (2008, p. 7): "O homem fala. Falamos quando acordados e em sonho. Falamos continuamente. Falamos mesmo quando não deixamos soar nenhuma palavra. Falamos quando ouvimos e lemos. Falamos igualmente quando não ouvimos e não lemos e, ao invés, realizamos um trabalho ou ficamos à toa. Falamos sempre de um jeito ou de outro. Falamos porque falar nos é natural. Falar não provém de uma vontade especial. Costuma-se dizer que, por natureza, o homem possui linguagem. Guarda-se a concepção de que, à diferença da planta e do animal, o homem é o ser vivo dotado de linguagem. Essa definição não diz apenas que, dentre muitas faculdades, o homem também possui a de falar. Nela se diz que a linguagem é o que faculta o homem a ser o ser vivo que ele é enquanto homem. Enquanto aquele que fala, o homem é: homem. Essas palavras são de Wilhelm von Humboldt. Mas ainda resta pensar o que se chama assim: o homem".

Terra-Livre-39.indd 159 22/07/2014 17:55:46

Quais são as breves consequências desta reflexão sobre a linguagem, em termos ontológicos, para nosso exercício (o diálogo entre a geografia e a literatura, ou a ciência e a arte)?

Onde estamos *é* algo que *determina* o que *somos*. Isto não quer dizer que todos que habitam em um mesmo lugar vão ser da mesma forma (determinismo). A determinação condiciona, mas não fecha possibilidades – abre infinitas! Posso afirmar que a leitura desta determinação não está enclausurada em um campo científico. Nesse sentido, a geografia, pensada a partir de conteúdos e reflexões ontológicas, deve se interessar pelas diferentes formas com que o geográfico infesta a manifestação do ser (presente na literatura, por exemplo, como obra de arte).

Partindo da premissa de que "pensamento é linguagem", podemos afirmar que uma obra literária não representa o autor: ela *é* o seu autor. Assim, entendemos que o debate ontológico sobre a linguagem apresenta um grande potencial analítico para pensarmos a obra literária e as determinações geográficas presentes na literatura.

Nesses termos, o geográfico não é só o resultado da apreensão racional-sensitiva do sujeito que a representa por meio da literatura (narrativa). O geográfico é uma condição determinante que modifica a forma como o sujeito apreende a realidade. O elemento geográfico é parte daquilo que o autor *é* (ser), por isso, condiciona e está presente na sua maneira de *ser* e *escrever* (linguagem). Dessa forma, a geografia coaduna internalidades e externalidades, em um mesmo discurso.

Vale acrescentar que o diálogo entre arte e ciência pode ampliar a nossa capacidade de diálogo e intervenção junto às ciências sociais (história, antropologia, sociologia etc.). Em virtude disto, potencializamos a nossa capacidade de ler, compreender e agir perante as normatizações estabelecidas e impostas por uma determinada gramática territorial no espaço brasileiro.

IN-CONCLUSÕES

A geografia, como ciência, produz e divulga um tipo de conhecimento, que qualifica como geográfico. No entanto, quando os geógrafos produzem e divulgam o conhecimento geográfico, não se dão conta de que há uma dimensão geográfica que condiciona o seu pensamento e sua linguagem. Dessa forma, há uma geografia ou uma dimensão geográfica que é inerente à vida de todos os homens – inclusive, dos homens que escolhem pensar sobre a geografia

Terra-Livre-39.indd 160 22/07/2014 17:55:46

como ciência. Nestes termos, pensar a relação entre a geografia, o geográfico e a linguagem (em termos ontológicos) é um exercício importante. Porque há uma geografia no que *somos*, e não só no que executamos como um ofício profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. "A história das mentalidades". In: GOFF, Jacques Le; CHARTIER, Roger; REVEL, Jaques (org.). *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BLANC, Mafalda de Maria. *Introdução à ontologia*. Portugal: Ed. Instituto Piaget. 1998.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

DELEUZE, Gilles. "Abecedário." Realização de Pierre-André Boutang. Entrevista feita por Claire Parnet, filmada nos anos 1988-1989. Tradução e legendas: Raccord.

HEIDEGGER, Martin. "Sobre o 'humanismo': carta a Jean Beaufret, Paris". In: *Conferências e escritos filosóficos* (Col. Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. *A caminho da linguagem*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes; Bragança Paulista, SP: Ed. Universitária São Francisco, 2008.

LACOSTE, Yves. *A geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Campinas: Papirus, 1989.

LEMINSNK, Paulo. *Toda poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LUKÁCS. Georg. "As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem". In: *Temas de ciências humanas*, nº 4. São Paulo: Liv. Ed. Ciências Humanas, 1978.

LUMMATI, Paulo; SEABRA, Manoel; HEIDEMANN, Heinz Dieter (org). *Caio Prado Jr. e a Associação dos Geógrafos Brasileiros*. São Paulo: AGB, IEB: Edusp, 2008.

MARTINS, Élvio Rodrigues. "Pensamento geográfico é geografia em pensamento". In: KATUTA, Ângela M. (org.) *Geografia e mídia impressa*. Londrina, Moriá, 2009.

Terra-Livre-39.indd 161 22/07/2014 17:55:46

_____. *Geografia e ontologia: o fundamento geográfico do ser*. GEOUSP, São Paulo: Espaço e Tempo: nº 21, p. 33-51, 2007.

MORA, José Ferrater. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MORAES, Antônio Carlos R. *Território e história no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2008.

_____. *Geografia: pequena história crítica*. São Paulo: Annablume. 2009.

MOREIRA, Ruy. *O que é geografia*? São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *O pensamento geográfico brasileiro*. Vol. I. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. "Assim se passaram dez anos (a renovação da geografia no Brasil, no período 1978-1988)." In: *Geographia*. Ano II, nº 3, Universidade Federal Fluminense, 2000.

REYNOLDS, Jack. *Existencialismo*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2013.

SANTOS. Mílton. *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. São Paulo: Edusp, 2002.

_____. *Testamento intelectual: Mílton Santos*. Entrevista a Jesus de Paula Assis; colaboração de Maria Encarnação Spósito. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

SILVA, Armando Corrêa da. "A renovação geográfica no Brasil – 1976-1983: as geografias radical e crítica na perspectiva teórica." In: *Boletim Paulista de Geografia*, nº 60. São Paulo: AGB-São Paulo, 1983/84.

SOUZA-NETO, Manoel Fernandes de. *Planos para o Império: os planos de viação para o Segundo Reinado (1869-1889)*. São Paulo: Alameda, 2012.

_____. "Geografia nos trópicos: história dos náufragos de uma jangada de pedra?" In: *Terra Livre*. Associação dos Geógrafos Brasileiros, São Paulo: nº 17, p. 119-138, 2001.

Terra-Livre-39.indd 162 22/07/2014 17:55:46